



# AMBIENTUR

III SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL  
DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

08 a 11/06/2017 Antônio Prado/RS

## **A paisagem urbana e sua relação com o turismo – uma análise do Museu de Ambiência Casa de Pedra – Caxias do Sul/RS**

**Pedro Alcântara Bittencourt César<sup>1</sup>, Bruna Tronca<sup>2</sup>, Bianca Mattana<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade de Caxias do Sul (pabcesar@ucs.br)

<sup>2</sup>Universidade de Caxias do Sul (btronca@ucs.br)

<sup>3</sup>Universidade de Caxias do Sul (bianca@biancamattana.com)

### **Resumo**

Este trabalho apresenta princípios de análise da paisagem urbana em relação ao seu observador, principalmente o turista. Atualmente, pensa-se que o fortalecimento do turismo como atividade econômica tem na cidade seu principal recurso. Entretanto, seu entendimento deve estar associado ao reconhecimento de princípios sustentáveis. No urbanismo, comumente utiliza-se reflexões acerca dos valores de paisagem urbana. Com base na metodologia de Phillipe Panerai (2006), nos estudos de Gordon Cullen (1996) e Kevin Lynch (1997) e através da observação direta e indireta, realiza-se esta pesquisa em Caxias do Sul. Assim, é possível identificar seus elementos morfológicos compositores, que segundo Lynch (1997) são: vias, pontos nodais, bairros, limites e marcos. Além disso, percebe-se que uma imagem de qualidade reforça a identidade da cidade, tornando-a legível e atrativa. Nesta pesquisa, os princípios desses autores são avaliados no entorno do Museu de Ambiência Casa de Pedra. Seu entendimento poderá auxiliar em planos de ocupação territorial do município.

Palavras-chave: Paisagem urbana. Turismo cultural. Museu de ambiência. Caxias do Sul.

Área Temática: O Turista e a Percepção Ambiental

## **The urban landscape and its relation with tourism – an analysis of the Museum of Ambience Casa de Pedra – Caxias do Sul/RS**

### **Abstract**

*This study presents principles of urban landscape's analysis in relation to its observer, mainly the tourist. Currently, it is believed that the strengthening of tourism as an economic activity has in the city its main resource. However, its understanding must be associated to the recognition of sustainable principles. In urban planning, commonly are used reflections about the landscape values. Based on the methodology of Phillipe Panerai (2006), in the studies of Gordon Cullen (1996) and Kevin Lynch (1997) and through direct and indirect observation, this research is carried out in Caxias do Sul. In this way, it is possible to identify its composite morphological elements, which according to Lynch (1997) are: paths, nodes, districts, edges and landmarks. In addition, it is perceived that a quality image reinforces the identity of the city, making it legible and attractive. In this research, the principles of these authors are evaluated in the environment of the Museum of Ambience Casa de Pedra. This understanding may help in plans of territorial occupation of the locality.*

*Key words: Urban landscape. Cultural tourism. Museum of ambience. Caxias do Sul.*

*Theme Area: The Tourist and the Environmental Perception*



# AMBIENTUR

III SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL  
DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

08 a 11/06/2017 Antônio Prado/RS

## 1 Introdução

O objetivo deste artigo é analisar o entorno do Museu de Ambiência Casa de Pedra, situado no município de Caxias do Sul – RS, a partir da paisagem urbana. Para tanto, utiliza-se, principalmente, os conceitos de Gordon Cullen (1996) e Kevin Lynch (1997) sobre a imagem da cidade como referenciais teóricos e o método de análise proposto por Phillippe Panerai (2006), a partir da observação direta e indireta da paisagem.

Por meio da definição de percursos no entorno do objeto de estudo e do registro da observação direta em fotografias, formam-se ‘quadros de análise’, através dos quais é possível identificar as sensações propiciadas por seu entorno aos usuários e os elementos morfológicos da paisagem. Neste estudo, utilizando ideias fundamentadas por Lynch (1997), identificam-se vias, ponto nodal, marco referencial; a ótica, os contrastes e o conteúdo do local; o que permite refletir sobre a identidade, a imaginabilidade e a legibilidade da paisagem analisada e a imagem da cidade.

Quanto às classificações de Lynch (1997), percebe-se que a identidade local remete aos fatos históricos locais e a um significado simbólico de preservação da origem do imigrante italiano. Tem-se como questão norteadora nesta pesquisa, que provavelmente a legibilidade e imaginabilidade tornam-se conceitos difusos aos visitantes do museu, em função da localização, implantação e dos fluxos viários no entorno. De qualquer maneira, identifica-se a Casa de Pedra como uma importante referência cultural para o morador e um atrativo turístico de Caxias do Sul que, enquanto cidade, muito pode evoluir para elevar seu valor econômico e simbólico, através, inclusive, da melhoria de sua paisagem urbana.

A pesquisa desenvolve utilizando como recurso o reconhecimento do ambiente entorno ao Museu Municipal de Ambiência da Casa de Pedra. Localizada nos arredores dos Pavilhões da Festa da Uva e tendo como característica seu entorno com um suporte rodoviário intenso. Nele analisa-se a sua composição cartográfica e a observação do pesquisador, esperando assim compreender os confrontos existentes nessa paisagem urbana.

## 2 A cidade e o turismo

A cidade, entre tantas definições, pode ser vista como um lugar de encontros, de trabalho, de memórias e de diferentes identidades. Faz parte da cidadania a incorporação do território como espaço não só de habitação, mas também de vivência e convivência (Grinover, 2001, p.87). No Brasil, atualmente, cerca de 85% da população reside em áreas urbanas (IBGE, 2010). Para Gordon Cullen (1996), a cidade caracteriza-se como uma unidade geradora de facilidades e de bem estar que faz com que a maioria das pessoas prefira viver em comunidade a viverem isoladas.

Cullen (1996) compreende ainda que mais do que o somatório de seus habitantes, a cidade pode ser considerada um ‘tremendo empreendimento’, porém, se ela se apresenta monótona, incarácterística ou amorfa, ela é um fracasso. Devido às vastas dimensões do território nacional, à extensão e à diversidade dos ecossistemas, Grinover (2007) destaca que o turismo, através de suas características dinâmicas, tornou-se uma atividade fundamental para a conquista do espaço brasileiro. Esta ideia é reforçada pelo conceito de que o turismo está baseado no deslocamento, cujas razões são diversas: lazer, negócios, motivos de saúde, etc.

Aliás, até o fim da Idade Média, as viagens eram motivadas por três buscas: da cura, da visita a locais sagrados, e de bens materiais ou espirituais (Grinover, 2007, p.35). A partir da segunda metade do século XX houve a diversificação da oferta turística, o



# AMBIENTUR

III SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL  
DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

08 a 11/06/2017 Antônio Prado/RS

desenvolvimento dos transportes, o impulso ao consumo em massa e as alterações das políticas de benefícios sociais – Estado de Bem-Estar; fatores que fortaleceram o turismo nas cidades como atividade econômica. No turismo, são significativos nas transformações espaciais seus aspectos econômicos e as relações sociais. Assim, caracteriza-se a experiência turística como o contato direto com lugares e sociedades fora do seu cotidiano, uma busca por uma vivência geográfica (PIMENTEL, 2013).

Viaña (2006) ressalta que a consolidação do turismo, se planejado adequadamente e racionalmente explorado, é um fator de diversificação da economia, que gera empregos, e melhora a imagem e a infraestrutura urbana. Ainda segundo a autora, para tanto, “as cidades reciclaram-se, maquiaram-se e prepararam-se para fazer conviver em seu espaço dois tipos de usuários: o residente e o turista. Com isso, converteram-se em entornos privilegiados para o turismo assim como para as atividades do tempo livre dos próprios residentes” (VIAÑA, 2006, p.13, tradução nossa).

Dessa maneira, a cidade apresenta-se como um espetáculo, elevando, além do valor econômico, o valor simbólico (CÉSAR; TRONCA, 2016). Para Gordon Cullen (1996), a paisagem urbana é o impacto visual da cidade sobre seus habitantes e visitantes. O turista, como observador e consumidor, busca apropriar-se da imagem da cidade por diversas maneiras. Segundo Netto (2011, p.30) “pela experiência passada, presente e pela que virá a ser é que se constrói o ser turista e se configura o fenômeno turístico, numa complexa e imbricada relação de intercâmbio de bens e serviços e de desejos objetivos e anseios subjetivos construídos por esse ser-turista-humano para si e de si mesmo”.

### 3 A paisagem urbana

Barda (2009) acredita que a unidade é a característica indispensável e fundamental para a composição da paisagem urbana, como para o edifício em si. Acredita também que a paisagem é formada pela ligação entre o passado e o futuro da cidade. Para Jane Jacob (2003), a paisagem urbana precisa ser composta por áreas verdes em abundância, espaços públicos humanizados e seguros que permitam o encontro, o intercâmbio e a diferença. A urbanista também considera que imagem da cidade deveria refletir uma clara distinção entre o espaço público e o privado, além de uma densidade equilibrada das quadras, com diversidade de usos, prioridade aos pedestres, e identidade de bairros (JACOBS, 2003).

Kevin Lynch (1997) classifica a paisagem urbana como a imagem da cidade. Para ele, como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, porém, em grande escala e que só se é percebida no decorrer de períodos de tempo. Gordon (1996) e Lynch (1997) relacionam a paisagem urbana ao que se passa na visão do usuário: uma sequência de imagens que formam cenas, como um filme mental, porém mais do que um cenário, a cidade é formada por uma série de sensações, em que cada indivíduo assume e cria sua própria imagem urbana.

O usuário não é um mero observador, mas faz parte da cidade. Ressalta-se o espaço como é “percebido, conhecido e atribuído de sentido pelas pessoas que com ele têm contato, bem como sentimentos que nelas desperta” (PIMENTEL, 2013, p.423). A imagem da cidade é uma combinação de todos os sentidos. Para Lynch (1997), a paisagem urbana é um produto de muitos construtores que, nunca deixam de modificar sua estrutura. Para o autor, a coerência das imagens da cidade podem se manifestar de diversas maneiras, porém a imagem mental do usuário deve sempre adquirir identidade e organização através de uma familiaridade existente entre ele e a cidade.



# AMBIENTUR

III SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL  
DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

08 a 11/06/2017 Antônio Prado/RS

Cullen (1996) sugere a análise de três aspectos para a formação da paisagem urbana:

- **Ótica:** refere-se à visão serial, a partir do deslocamento em um percurso, de uma sucessão de surpresas e revelações. Em uma rua reta, sem contrastes, se tem um impacto visual pequeno, pois o panorama é assimilado rapidamente, o que torna o passeio monótono. Ao se perceber, por exemplo, a rua e o pátio, a cidade acaba tornando-se visível ao usuário;
- **Local:** diz a respeito às reações do usuário perante sua posição no espaço. São as sensações provocadas pelo espaço aberto e espaço fechado, ou seja, a agorafobia e a claustrofobia. O princípio de contraste se mantém, existe uma reação emocional quando o indivíduo se encontra muito abaixo do nível médio do terreno ou muito acima dele. Estas diferenças fazem com que a cidade se torne uma experiência plástica entre zonas de compressão e de vazio, de tensão e de tranquilidade;
- **Conteúdo:** relaciona-se com a própria constituição da cidade, a textura, a cor, a escala, o estilo, etc., tudo que a individualiza. Dentro de um enquadramento geral, o objetivo é de se criar uma cidade lúcida e não anárquica; desde que os elementos se mesquem o ambiente não será um produto do conformismo.

Já segundo as análises de Lynch (1997) surgem outras três classificações para a formação e compreensão da paisagem urbana:

- **Legibilidade:** indica a facilidade com a qual o usuário é capaz de reconhecer as partes da cidade e organizá-las em um modelo coerente, agrupado por bairros e marcos existentes, a partir de sua imagem mental. Uma boa legibilidade da paisagem faz com que o usuário não se sinta desorientado no meio dela;
- **Estrutura e identidade:** Esta indica a diferenciação e o reconhecimento do objeto enquanto entidade separável. A imagem da cidade deve incluir-se à relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador apresentando significado, seja prático ou emocional;
- **Imaginabilidade:** este estudo procura definir as qualidades físicas relacionadas à identidade e à estrutura da imagem mental. Uma paisagem altamente imaginável deixa o usuário orientado para se deslocar com facilidade.

Através da legibilidade, identidade e imaginabilidade urbana, altera-se a maneira que as pessoas, sejam elas residentes ou turistas, ou ainda residentes-turistas, vivenciam e experimentam as cidades. De acordo com Pimental (2013, p.426), isso significa que “uma cidade pode ser lida, sua forma e a disposição de suas estruturas tornam sua configuração mais, ou menos, fácil de ser apreendida mentalmente”.

A metodologia de Phillippe Panerai (2006) baseia-se constantemente em Kevin Lynch (1997), e na legitimidade da análise visual direta. O autor afirma que “há um século, o olhar que lançamos sobre a cidade é moldado pela representação que delas nos dão o cinema e a fotografia, isto é, pela associação da imagem e do percurso, e da imagem e do tempo” (PENARAI, 2006, p.26). Em suas análises, o autor discute as qualidades de legibilidade, de identidade e de memorização das imagens da cidade pelos cidadãos.

Esse conceito também está relacionado à Escola da *Gestalt*, que desenvolveu a teoria da percepção visual, através da compreensão de como o cérebro ordena e estrutura as formas vistas. Basicamente, a percepção visual está ligada às funções cognitivas, em que a compreensão está relacionada ao pensamento, à imaginação, a significados e experiências.



# AMBIENTUR

III SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL  
DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

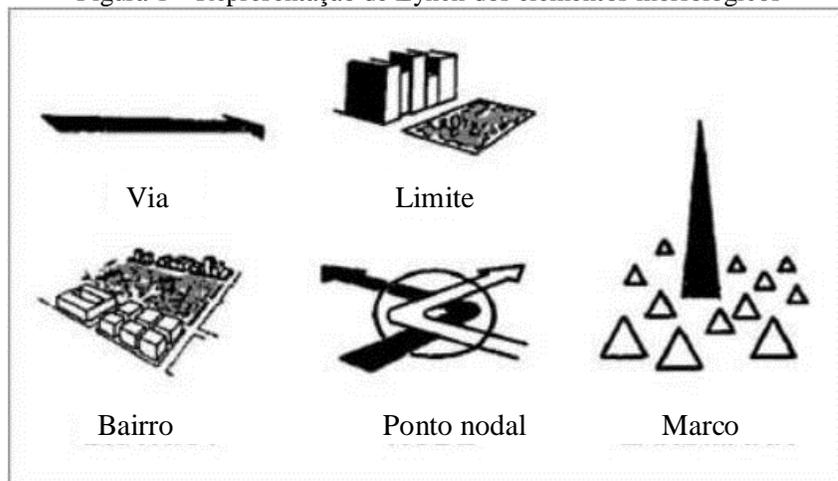
08 a 11/06/2017 Antônio Prado/RS

Segundo essa teoria, os estímulos recebidos pelo olhar, na percepção visual, tornam-se estruturas simplificadas, campos organizados funcional e estruturalmente, constituídos de fundo e figura, de formas e horizontes ou de temas e campos temáticos.

Segundo Lamas (2004, p.37) “a morfologia urbana estuda essencialmente os aspectos exteriores do meio urbano e as suas relações recíprocas, definindo e explicando a paisagem urbana”. Isso quer dizer que o estudo morfológico não se prende, por exemplo, ao processo de urbanização, mas visa analisar a produção da forma. Com base nesse conceito, torna-se mais simples identificar os elementos morfológicos que compõe a paisagem que, segundo Lynch (1997), são:

- **Vias:** canais de circulação observados na medida em que os sujeitos se locomovem pelas mesmas. Para muitos, são elementos predominantes na paisagem urbana, e ao longo destas, outros elementos ambientais se organizam e se relacionam;
- **Pontos nodais:** pontos estratégicos na paisagem urbana sejam de convergência de vários percursos, sejam de rupturas ou pontos singulares do tecido, para os quais ou a partir deles o indivíduo se locomove;
- **Bairros:** são uma porção do território urbano identificada como totalidade, regiões médias ou grandes de uma cidade, também utilizados como referências externas. Neles, o observador penetra mentalmente e, os reconhecem por características internas que os identificam.
- **Limites:** elementos lineares não usados ou não entendidos como via pelo usuário. São fronteiras entre duas faces, quebras de continuidade lineares. Podem não ser tão dominantes quanto o sistema viário;
- **Marcos:** outro tipo de ponto de referência, porém, neste caso são externos, o observador não entra neles. Geralmente, elementos construídos, edifícios excepcionais, monumentos ou parte deles, lojas ou montanhas, todos dotados de uma forma particular que facilita sua identificação. Podem estar dentro da cidade ou próximo a ela, a uma distância que simboliza uma direção constante.

Figura 1 – Representação de Lynch dos elementos morfológicos



Fonte: Lynch, 1997 – Compilação e descrição do autor

Resumidamente, Lynch (1997) define que “os bairros são estruturados com pontos nodais, definidos por limites, atravessados por vias e salpicados por marcos”, ou seja, os



# AMBIENTUR

III SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL  
DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

08 a 11/06/2017 Antônio Prado/RS

elementos que compõe a paisagem urbana estão inter-relacionados. À medida que os usuários adaptam-se ao entorno e extraem sua estrutura a fim de simplificá-lo, podem-se classificar esses elementos da paisagem urbana como fortes ou fracos para a percepção visual dos indivíduos.

## 4 Museu de Ambiência Casa de Pedra

O Museu de Ambiência Casa de Pedra situa-se na antiga residência da Família Lucchese, a Rua Matteo Gianella, 531, junto à Praça dos Tiroleses, no bairro Santa Catarina. A residência foi construída originalmente ao final do século XIX, utilizando os materiais disponíveis na região: pedra de basalto assentadas com barro e madeira. A propriedade pertenceu à família Lucchese até 1913, passando por outras famílias e usos até ser desapropriada em 1974.

Com a desapropriação e a reforma, a Casa de Pedra, como é chamada pelos moradores de Caxias do Sul, passou a funcionar como museu de ambiência em 1975, ano em que a cidade sediou as comemorações do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Nos anos 2000 ainda foi realizado um trabalho de restauro na edificação, buscando valores na autenticidade da construção original, de acordo com técnicas adequadas (Mezzalira 2008, p.18-19).

Para a análise da paisagem do entorno dessa edificação, seguindo as teorias apresentadas, desenvolve-se uma abordagem através de análises sequenciais. Para tanto, define-se um percurso que é transformado em uma sequência de ‘quadros’, como disposições esquemáticas e codificadas da paisagem. A partir desses quadros, analisam-se os seguintes conceitos: simetria ou assimetria; definição de lateral ou definição central; abertura ou fechamento; convexidade ou concavidade; corte vertical ou horizontal, superfícies com perfis, ondulações; relação entre duas faces; deferência, indiferença, competição; estreitamento, estrangulamento ou efeito de ‘bastidores’; valorização fraca ou oculta; deflexão ou retorno.

No caso do Museu de Ambiência Casa de Pedra, através da análise sequencial indicada por Panerai (2006), percebe-se que seu entorno não possui simetria. Devido a sua implantação em ilha (figura 2a), rapidamente se tem a sensação de demarcação central, e não de demarcação lateral – inclusive pelo fato de não existir barreira edificada na lateral esquerda. Ao se aproximar da Casa de Pedra, percebe-se mais forte a sensação de abertura (figura 2b), presente nas suas duas laterais, fato que é reforçado em função do ponto nodal em que ela esta inserida, entre a Avenida Rubem Bento Alves (Perimetral Norte) e a Rua Matteo Gianella. A edificação também é totalmente assimétrica, uma vez que a simetria não é encontrada em nenhuma de suas fachadas (figura 2c). Devido ao nó viário, percebe-se a convexidade dada pelo desenho da via e do terreno.

A oeste do museu tem-se a inflexão, devido ao terreno vazio (pátio do Lanifício Matteo Gianella), que não se configura um perfil edificado. Já no lado leste, onde existem construções que abrigam moradias, comércio e serviços, configuram-se o perfil edificado (figura 2d). Quando analisado o recuo no terreno face à via de maior tráfego de veículos, e o excesso de vegetação no entorno, pode-se dizer que a Casa de Pedra possui uma fraca valorização, pois está “escondida” e muitas vezes passa despercebida em meio ao grande fluxo de trânsito (figura 2e). Junto à praça onde está situado o museu, existe um marco edificado em homenagem ao centenário da imigração italiana (inaugurado em 1977): o Monumento aos Tiroleses (figura 2f).

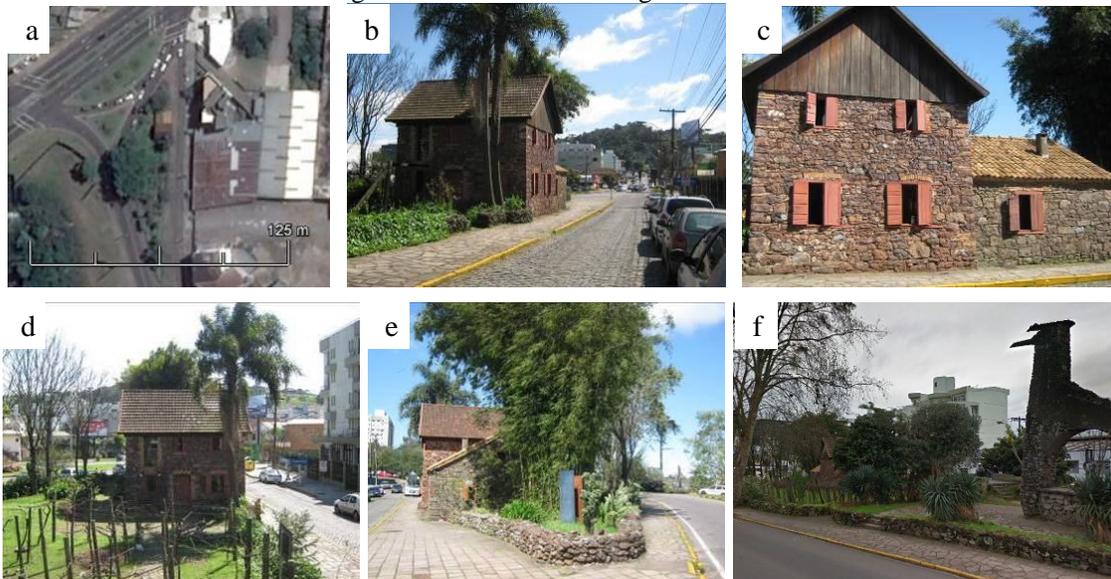


# AMBIENTUR

III SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL  
DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

08 a 11/06/2017 Antônio Prado/RS

Figura 2 – Vista aérea e Imagens da Casa de Pedra



Fonte: a) Google Earth, 2016; b), c), d), e), f) do autor, 2016.

Essa análise, no caso aplicada ao Museu de Ambiente da Casa de Pedra, faz-se interessante para visualizar a percepção que se tem da paisagem urbana, na escala de um observador. De acordo com as teorias de Cullen (1996), pode-se dizer que o local possui uma boa ótica, uma vez que o traçado viário e a implantação do museu apresentem-se como surpresas no percurso do visitante; os contrastes do local e do conteúdo também são atrativos, uma vez que a ambiência interna e a composição externa remetem à imigração italiana do final do século XIX, em contraposição ao entorno diversificado de construções.

Quanto às classificações de Lynch (1997), percebe-se que a identidade local remete aos fatos históricos do município e a um significado simbólico de preservação da origem italiana. Já a legibilidade e imaginabilidade tornam-se, provavelmente, conceitos difusos aos visitantes do local, em função da localização, implantação e influência dos fluxos viários no entorno. Apesar de estar próximo a vias de acesso da cidade, a quantidade de retornos e nós no ponto nodal em que se situa o museu torna o acesso confuso, principalmente de veículos, e perigoso aos pedestres que precisam cruzar essas vias.

De qualquer maneira, é evidente que nesse caso a cidade desenhou-se ao redor da antiga residência da família Lucchese até a data em que foi transformada em museu. Nesse contexto, identifica-se a Casa de Pedra como um importante atrativo turístico de Caxias do Sul que, enquanto cidade, muito pode evoluir para elevar seu valor econômico e simbólico, através, inclusive, da melhoria de sua paisagem urbana.

## Referências

BARDA, Marisa. **Espaço (Meta) vernacular na Cidade Contemporânea**. São Paulo. Perspectiva, 2009. 168p.



# AMBIENTUR

III SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL  
DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS

08 a 11/06/2017 Antônio Prado/RS

CÉSAR, Pedro de Alcântara Bittencourt; TRONCA, Bruna. Ruins of the Jesuit- Guaranis Missions of São Miguel Arcanjo: an overview on the UNESCO World Heritage in Brazil. In: **Tourism and History World Heritage** – Case Studies of Ibero-American Space, Henriques, C., Moreira, M. C., César, P. A. B. (Eds.). Interdisciplinary Centre of Social Sciences – University of Minho, 2016, p.229-246.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. Lisboa: Edições 70, 1996. 202p.

GOOGLE EARTH. **Localização Casa de Pedra**. 2016. Ponteiro 29°09'22.23"S, 51°12'00.23"O. elev. 716m. Altitude do ponto de visão 3.70km.

GRINOVER, Lucio. **A Hospitalidade, a Cidade e o Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007. 194p.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características Gerais da População: Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <[www.censo2010.ibge.gov.br](http://www.censo2010.ibge.gov.br)>. Acesso em: 12 de mar. de 2017.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 510 p.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2004. 590p.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227p.

MEZZALIRA, Heloisa (ed.). Revista memória de Caxias do Sul pelo véis do patrimônio tombado. Caxias do Sul: Prefeitura de Caxias do Sul – Secretaria da Cultura, 2008.

NETTO, Alexandre Panosso. **Fisologia do turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph. 2011. 197p.

PANERAI, Phillipe. **Análise urbana**. Brasília: Editora da UNB, 2006.

PIMENTEL, Maurício Ragagnin. A Experiencia Turística e a Imaginabilidade da Paisagem Urbana. In: **Revista Rosa dos Ventos**, v.5, n.3, p. 421-438. Jul.-set. 2013.

VIAÑA, María del Carmen González. **Turismo y ciudad: nuevas tendências**. Buenos Aires: Turísticas, 2006. 126p.